



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**  
**CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB**

**JAILMA MENDES DE OLIVEIRA SILVA**

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB.**

**2014**

**JAILMA MENDES DE OLIVEIRA SILVA**

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>.Ma. Ariane Benício

**CATOLÉ DO ROCHA - PB**

**2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Silva, Jailma Mendes de Oliveira.  
O processo de alfabetização e letramento [manuscrito] : /  
Jailma Mendes de Oliveira Silva. - 2014.  
39 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Ariane Kércia Benício de Sá Barreto, Secretaria de Educação à Distância".

1. Alfabetização. 2. Métodos. 3. Letramento. I. Título.

21. ed. CDD 379.24

**JAILMA MENDES DE OLIVEIRA**

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E O LETRAMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Data da avaliação: 25 / 07 / 2014

**BANCA EXAMINADORA**

Ariane Benício

Orientadora: Prof. Ma. Ariane Kercia Benício de Sá Barreto  
(UEPB)

Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Examinador (a): Prof<sup>a</sup>. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes  
(UEPB)

**CATOLÉ DO ROCHA- PB**

**2014**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico aos meus familiares e amigos, que de uma forma ou de outra contribuíram para esta conquista. Dedico a Deus autor e consumidor da minha fé.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, aos meus familiares e a todos aqueles que contribuíram para minha formação não só profissional, mas também como pessoa consciente, crítica e reflexiva.

Agradeço a meu esposo e filha pelo apoio e compreensão da ausência.

"[...] A minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa."

Emília Ferreiro





## RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi destacar a importância do letramento na formação educacional. Investigar a prática e a alfabetização nas escolas. Tendo em vista que a questão da alfabetização preocupa os estudiosos e professores há muito tempo, pois existem inúmeras formas de ensinar a ler e escrever, muitos métodos são aplicados, mas a grande preocupação paira na necessidade de se ensinar a "ler" de uma forma interessante e investigativa. A pesquisa constituiu-se através de observações e entrevistas realizadas com professoras alfabetizadoras. As professoras entrevistadas mostraram ser conscientes da necessidade de alfabetizar partindo do conhecimento que o aluno traz consigo e de variedades textuais para visualização, para depois transformar esse conhecimento em aprendizagem sistemática. Mas é necessário ressaltar que nem sempre um novo método resolve os problemas da alfabetização. Quando alfabetizado o indivíduo que sabe ler e escrever tem se revelado em condições insuficientes para responder adequadamente as demandas da contemporaneidade. É preciso fazer uso da leitura, da escrita e da interpretação no cotidiano. A cada momento, aumentam as demandas por práticas de leituras e de escrita, fazendo com que os indivíduos necessitem desse aprendizado. Assim, nos apropriamos de algumas reflexões teóricas de Emilia Ferreiro (1999), Kleiman (1989), Vygotsky (1987), Lemle (1989), entre outros. A discussão do letramento surge sempre envolvida no conceito de alfabetização que tem levado a uma inadequada e imprópria síntese dos procedimentos, com prevalência do conceito de alfabetização.

**Palavras-chave:** Alfabetização - Métodos - Letramento.

## ABSTRATC

The objective of this research was to highlight the importance of literacy in educational training. Investigate the practice and literacy in schools. Given that the issue of literacy concerned scholars and teachers long ago, because there are numerous ways to teach reading and writing, many methods are applied, but the major concern paira na need to be taught to "read" in an interesting way and investigative. The survey was through observations and interviews with teachers alfabetizadoras. As teachers interviewed shown to be aware of the need for literacy starting from the knowledge that the student brings textual and varieties for viewing, and then turn that knowledge into systematic learning. But it should be emphasized that a new method does not always solve the problems of literacy. When literate individual who can read and write has proved insufficient to adequately respond to the demands of contemporary conditions. You need to make use of reading, writing and interpretation in daily life. At every turn, increase the demand for convenient reading and writing, making individuals requiring such learning. So we appropriated some theoretical reflections Emilia Ferreiro (1999), Kleiman (1989), Vygotsky (1987), Lemle (1989), among others. The discussion of literacy arises whenever involved in the concept of literacy has led to an inadequate and improper synthesis procedures, with prevalence of the concept of literacy.

**Key words:** Keywords: Literacy - methods - literacy.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1. REFLEXÕES TEÓRICO/PRÁTICAS ARTICULADAS AOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS.....</b>	<b>11</b>
1.1. Gestão Escolar.....	11
1.2. Conceituando Gestão.....	12
1.2.1 Caracterização da Instituição.....	14
1.3. Educação Infantil.....	15
1.4. Ensino Fundamental I.....	17
<b>2. DIFICULDADES DA ALFABETIZAÇÃO: o desafio de ensinar a ler e a escrever.....</b>	<b>20</b>
2.1 Leitura e escrita na alfabetização.....	22
2.2 Reflexões sobre o letramento.....	25
<b>3. NUMA DISCUSSÃO SOBRE MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA.....</b>	<b>28</b>
3.1 A magia de Alfabetizar.....	28
3.2- Entrevista com dois Professores de Alfabetização.....	29
3.3 Reflexões Sobre a Alfabetização.....	32
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>38</b>

## INTRODUÇÃO

Inicialmente apresento as experiências vividas nos estágios de Gestão escolar, Educação Infantil e Ensino Fundamental como primeira parte do trabalho.

A Segunda parte da monografia fala sobre o Processo de alfabetização e seus métodos, onde é apresentado o referencial teórico, abordando o tema gerador que fala sobre a dificuldade no processo de alfabetização e letramento, no Ensino Fundamental.

A terceira parte é a descrição sob forma narrativa dos resultados e discussão de tudo o que foi abordado por meio das observações, coletas de dados documentais e do questionário. Neste capítulo também apresento os pontos utilizados para as análises das informações coletadas durante todo o processo. Levando-nos a refletir sobre a alfabetização, as dificuldades apresentadas neste segmento de ensino, revelando sua importância no instante que permite que profissionais da área de educação possam pensar sobre as suas práticas pedagógicas e profissionalização, objetivando o pleno desenvolvimento do educando enquanto parte principal no processo ensino aprendizagem.

Nos últimos tempos a alfabetização tornou-se o tema de grandes e importantes pesquisas. Novas concepções acerca do comportamento cognitivo das crianças contribuíram de forma efetiva para que educadores e linguistas repensassem o processo de aquisição da modalidade escrita. Ocorre que, desde que a humanidade tomou consciência do poder de se desenvolver intelectualmente, conquistando patamares cognitivos cada vez mais avançados, esta vem criando meios e técnicas que facilitem e aprimorem seus conhecimentos, na busca de conhecer-se e conhecer o mundo que se expande à sua volta, buscando na escrita, na codificação e decodificação, registrar sua história, adaptando-se aos vários fatores que, paulatinamente, iam se inserindo a esta história modificando-a de forma quase que irreversível.

Ler é importante porque a leitura de textos mais ricos e de narrativas complexas amplia o vocabulário, desenvolve ainda mais a capacidade de reflexão da interpretação e dinamiza o raciocínio lógico. Assim, nos apropriamos de algumas reflexões teóricas de Emilia Ferreiro (1999), Kleiman (1989), Vygotsky (1987), Lemle (1989), entre outros.

Diante desse trabalho foi possível perceber o caminho mais seguro para facilitar o processo de aprendizagem da leitura e escrita dos alunos na fase de alfabetização.

## **1. REFLEXÕES TEÓRICO/PRÁTICAS ARTICULADAS AOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS**

As atividades de estágio são constituídas de observação das atividades desenvolvidas no espaço escolar, teve como objetivo coletar informações sobre todos os aspectos relacionados com a gestão da escola, a Educação Infantil e Ensino Fundamental e analisar as concepções e problemas levantados pelos entrevistados na execução de suas funções e atribuições, bem como captar sugestões de melhoria em benefício da qualidade do ensino.

O estágio contou com a participação do gestor escolar e pessoas da equipe técnica e funcionários de apoio da escola cuja contribuição das entrevistas realizadas com os mesmos foi possível levantar uma temática relacionada à necessidade da escola e analisá-la a partir da elaboração de um projeto colaborativo desenvolvido em reunião pedagógica.

O presente Trabalho Científico é composto da descrição das observações e experiências vivenciadas no período dos estágios supervisionado de Gestão Escolar, da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do curso de Pedagogia do PARFOR dessa forma direcionou o interesse pelo processo de alfabetização bem como suas dificuldades.

### **1.1 Gestão Escolar**

A palavra gestão tem muitos significados como administrar, governar, dirigir. Pode significar também a manutenção de controle sobre um grupo, uma situação ou uma organização, de forma a garantir os melhores resultados. Nesse sentido, entendemos que a escola é um tipo de organização constituída de recursos materiais, financeiros e humanos (alunos, professores e pais) que precisam ser administrados para obter os melhores resultados, que no caso é a melhoria da qualidade do ensino da aprendizagem dos alunos.

Procurou-se compreender gestão escolar com base nas observações realizadas na escola Eliziário Luiz da Costa na qual se caracteriza abaixo.

## 1.2 Conceituando Gestão

Existem diversos tipos de gestão ao longo da história das organizações. No entanto, não é objetivo desta monografia ser esclarecedora das diversas modalidades de gestão, nem mesmo aprofundar no assunto, e sim, enfatizar sobre a gestão exercida na escola campo, foco e objeto deste estudo. Para dar início a este relato, vamos considerar o que nos diz Luck, (2009):

Os gestores escolares, constituídos em uma equipe de gestão, são os profissionais responsáveis pela organização e orientação administrativa e pedagógica da escola, da qual resulta a formação da cultura e ambiente escolar, que devem ser mobilizadores e estimuladores do desenvolvimento, da construção do conhecimento e da aprendizagem orientada para a cidadania competente. (LUCK, 2009, p 22)

Entendo as considerações da autora em relação à responsabilidade dos gestores escolares, enquanto equipe, deve proporcionar uma gestão de qualidade na escola. Para isso, necessita, além de outros fatores, uma pedagogia que mobilize e estimule a ampliação da aprendizagem, do conhecimento e do desenvolvimento. É no ambiente escolar que se dá forma a cultura e o conhecimento, necessários não só para a escola como também para a vida cidadã.

O modo como o aluno vê e sente a escola é a imagem que a mesma reflete na comunidade. Se a escola é boa ou ruim isso é percebido no interior da mesma pelos alunos e passado aos pais através de seus filhos. Uma escola vista só por dentro, é incapaz de perceber a relação entre o que faz e os resultados que alcança. Neste sentido, para garantir que o resultado da escola campo seja satisfatório, a gestão da escola estagiada sempre procura mobilizar e fazer com que todos da comunidade escolar estejam envolvidos numa nova proposta, participando e visando a melhoria do processo ensino e aprendizagem.

Revela-se, na concepção de gestão democrática, um exercício ampliado de novas concepções assumidas no plano social, principalmente entre os segmentos populares que desejam maior presença nas decisões e elaboração de projetos sociais, tendo como objetivo a garantia de acesso à escola de qualidade a todos.

Para Luck2000:

A gestão escolar constitui uma dimensão e um enfoque de atuação que objetiva promover a organização, a mobilização e a articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos sócio educacionais dos estabelecimentos de ensino orientadas para a promoção efetiva da aprendizagem pelos alunos, de modo a torná-los capazes de enfrentar adequadamente os desafios da sociedade globalizada e da economia centrada no conhecimento." (LUCK 2000, p 12).

É de fundamental importância que se estabeleça a articulação entre a escola e a comunidade que a serve, pois a escola não é um órgão isolado e suas ações devem estar voltadas para as necessidades comunitárias com muito trabalho, dedicação, participação para se chegar ao objetivo da educação que é promover o homem dentro do seu contexto social e política.

Após observações e análise feitas durante o estágio pode-se constatar o exercício de uma prática democrática cidadã, tendo como finalidade a participação de toda comunidade escolar no processo educacional, de forma a produzir um compromisso de todos pela melhoria da formação de futuras gerações. Assim, vale destacar que a prática motivadora provinda do gestor escolar reflete no ótimo desempenho e competência dos funcionários no exercício de suas atribuições.

A concepção de gestão escolar democrática participativa necessita não apenas criar espaços e atitudes autônomas, mas criar e sustentar processos e posições independentes. Nesse sentido, faz-se necessário, repensar o papel do professor, uma vez que, a gestão escolar democrática participativa se constrói no cotidiano escolar, pela vontade, autonomia e objetivos definidos coletivamente.

Constatou-se que o Estágio Supervisionado é um espaço de aprendizagem com trocas mútuas, diálogo, participação e contextualização de saberes e uma forma de pensar na prática dos profissionais que fazem parte da educação e que a gestão escolar democrática participativa é construída no cotidiano escolar que encontra, na figura do professor, um de seus responsáveis, para a criação e manutenção de processos, atitudes e vivências democráticas.

### 1.2.1 Caracterização da Instituição

A Escola Municipal do Ensino Fundamental Eliziário Luiz da Costa localiza-se na Rua Benevides Teodomiro de Sousa, S/N – Bairro das Populares – Brejo dos Santos – PB/ CEP: 58.880-000. Funcionando nos horários da manhã e da tarde.

As modalidades de ensino são:

Educação Infantil (Pré-Escolar I e II)

Ensino Fundamental (1º ao 5º ano)

Educação Especial (AEE)

Quanto à estrutura física, é uma escola de médio porte e bem conservada. Apresenta alguns ambientes adequados e outros em fase de adequação.

A Unidade de Ensino está adaptada com mobiliário e equipamentos e dispõe de 04 salas de aula bem amplas, 01 sala de recurso multifuncional, 01 diretoria, 01 sala de leitura compartilhada com sala de professores, 01 despensa, 01 depósito, 01 cozinha, 01 laboratório de informática compartilhado com sala de vídeo, 03 banheiros, 01 área não coberta que funciona como espaço recreativo, espaço este necessitando de uma cobertura para a realização de atividades recreativas.

A Instituição dispõe em cada sala de aula de cadeiras e armários apropriados para guardar materiais didáticos, de birô, cadeira giratória para o professor e quadro branco; dispõe também de um laboratório de informática equipado com 18 computadores, espaço este compartilhado com uma sala de vídeo comportando 1 televisor, 1 aparelho de DVD, 1 micro-sistema, 1 microfone, 1 caixa amplificadora e 1 projetor multimídia. A instituição ainda disponibiliza de uma sala de recursos com 2 computadores programados para atender crianças com déficit de aprendizagem, fazendo uso de materiais de apoio técnico pedagógico adequados às especificidades de cada criança, alguns desses adquiridos com recursos do PDE, como: coleções de apoio didático adequadas ao planejamento dos professores, jogos, brinquedos, fantoches, gibis etc.

Com relação à formação acadêmica, o corpo docente é composto por 09 professores, sendo 07 com Graduação em Pedagogia e 03 desses com Pós-Graduação, 02 com Magistério e desses, 01 cursando Pedagogia, desenvolvendo uma jornada de trabalho de 30 horas.



Quanto ao tempo de exercício profissional, todos os profissionais apresentam um período de experiência considerável, com no mínimo cinco a dez anos de atuação na área.

A escola possui atualmente 179 alunos, matriculados nos dois turnos de funcionamento. A clientela atendida é oriunda de famílias pobres que vivem da agricultura, da renda de programas sociais do Governo Federal, sendo poucos os alunos filhos de funcionários públicos com renda de apenas um salário mínimo.

Os aspectos culturais se fazem presentes na escola no decorrer do ano quando a mesma promove eventos como quadrilhas, campeonatos, a festa de emancipação política da cidade e etc.

À frente dos trabalhos administrativos desta escola estão às diretoras Maria Zenaide Santos Soares com Graduação em Pedagogia e Mislene Pereira de Oliveira com Graduação em Pedagogia; à frente das atividades didático-pedagógicas está a supervisora escolar com Graduação em Pedagogia e Pós-Graduação em Supervisão Educacional, Psicopedagogia Institucional e Clínica.

A direção e supervisão escolar procuram desenvolver um trabalho participativo e integrado. A direção prima pela gestão democrática e a parte pedagógica zela pela unidade da equipe e acompanha o trabalho de sala de aula, apoiando e incentivando o corpo docente.

Trabalham ainda nesta instituição mais 11 funcionários exercendo diferentes funções: 01 operador de microcomputador, 04 vigias, 02 merendeiras, 04 auxiliar de serviços gerais, conforme dados apresentados no quadro demonstrativo dos funcionários que exercem funções diversas, sendo 01 com Graduação, 04 com nível médio completo e 06 com nível fundamental incompleto.

A escola estagiada trabalha com a gestão democrática, procurando manter uma parceria entre escola e comunidade.

### **1.3- Educação Infantil**

A instituição de educação infantil é um espaço de cuidado e educação, organizado e planejado para atender crianças de 0 a 6 anos. Essa instituição pode ser histórica cultural e socialmente constituída vem ao longo de sua história, modificando suas funções. No momento atual em nosso país, ela é reconhecida

tanto nos documentos oficiais. Como pela sociedade, e até mesmo pelo senso comum, como necessária a formação da criança.

Lembramos com Pimenta e Lima (2004), que:

[...]o estágio não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida essa como atividade de transformação da realidade. Nesse sentido, o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto da práxis. (PIMENTA E LIMA, 2004. p. 52.)

Revela-se, na concepção de educação infantil, um exercício ampliado de novas concepções assumidas no plano social, principalmente entre os segmentos populares. As Instituições de Educação Infantil podem ajudar nas demais formas de linguagem, fazendo mediação entre a criança e a cultura e possibilitando seu acesso às fontes do conhecimento. Os espaços educativos, como as creches e pré-escolas podem desempenhar um papel fundamental para possibilitar o desenvolvimento/aprendizagem das crianças. Precisam, para tanto, conhecer as crianças concretas que vêm para essas instituições, isto é, conhecer os saberes, valores e práticas nos quais elas estão se constituindo, bem como conhecer as especificidades e necessidades dessa faixa etária, levando em conta esses conhecimentos na organização de suas propostas pedagógicas. Assim tendo como objetivo a garantia de acesso a escola de qualidade a todos. Sobre esse aspecto diz Souza (1996):

Que é bem possível que a experiência vivida pela educação infantil nessa época possa ter gerado um repensar a respeito do seu conceito e de sua dimensão. Novas formas de se conceber a educação e de contextualizar passarão a solicitar uma discussão que não ocorria nos primórdios do estudo sobre o tema, abordando a questão da criança como ser histórico e social sujeito que constrói o próprio conhecimento.” (SOUZA, 1996. p. 35)

A criança quando chega a escola ela traz consigo uma vivência do meio onde vive que precisa ser levado em consideração, pois é um ser capaz de construir seu próprio conhecimento a partir de suas vivências.

Libâneo (1998) nesta direção lembra a necessidade de que o aluno seja preparado para assumir uma postura muito além daquela em que lida com o

conhecimento a partir de uma atitude passiva e defende que, para isso, é condição fundamental que o professor, em sua ação docente, seja capaz de garantir:

[...] uma formação que ajude o aluno a transformar-se num sujeito pensante, de modo que aprenda a utilizar seu potencial de pensamento por meio de meios cognitivos de construção e reconstrução de conceitos, habilidades, atitudes, valores. Trata-se de investir numa combinação bem-sucedida da assimilação consciente e ativa desses conteúdos com o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas pelos alunos visando à formação de estruturas próprias de pensamento, ou seja, instrumentos conceituais de apreensão dos objetivos de conhecimento, mediante a condução pedagógica do professor que disporá de práticas de ensino intencionais e sistemáticas de promover o “ensinar a aprender a pensar” (LIBÂNEO, 1998, p. 30).

O referido estágio é de suma importância para instrumentalizar o estudante de Pedagogia e futuro profissional da educação, para que o mesmo se familiarize com a prática da sala de aula, conviva com os alunos e professores e habituem-se ao ambiente escolar com seus problemas, desafios, dificuldades, mas também repleto de alegria, realizações e, sobretudo, cheio de crianças transbordantes de vida e vontade de aprender.

Neste estágio constatou-se que a escola trabalha com educação infantil de forma organizada respeitando as diversidades e que alunos e professores interagem muito bem.

#### **1.4- Ensino Fundamental I**

Observar como é o desenvolvimento de uma rotina escolar e a interação com os alunos nos diferentes ambientes entre uma sala e outra onde se realiza o estágio. Contém a descrição de como podemos aprender, a exercer a profissão de educador, por meio da observação da atuação de outros profissionais, e também participando de atividades em sala de aula.

O Ensino Fundamental passou por mudanças esses últimos anos, com a implantação do 9º ano e da entrada na 1ª série com seis anos. Cada vez mais cedo as crianças adquirem mais responsabilidade. A escola também enfrenta grandes desafios com os avanços tecnológicos, descobertas científicas, mudança de valores, atitudes e costumes, isso influencia no aprendizado das crianças, que chegam à

alfabetização cada vez mais cedo, trazendo suas vivências, as quais podem influenciar de forma negativa ou não no seu aprendizado.

Hoje temos também a responsabilidade social de ensinar na escola a consciência sobre o meio ambiente, sensibilizar sobre racionamento de água e outros temas Transversais que tem o objetivo de que as crianças desenvolvam as competências necessárias para o exercício de uma cidadania responsável.

Para Pimenta:

Aprender a profissão docente no decorrer do estágio supõe estarem atento as particularidades e as interfaces da realidade escolar em sua contextualização na sociedade. Onde a escola está situada? Como são seus alunos? Onde moram? Como é a comunidade, as ruas, as casas que pertencem a adjacências da escola? (PIMENTA, 2010, p.111)

Faz necessário para o educador procurar formar cidadãos conscientes e críticos em busca de uma sociedade melhor. A localização em que a escola é situada e a realidade da comunidade em que os alunos estão inseridos podem influenciar no aprendizado dos alunos, pois cada criança tem sua história.

Pimenta (2010), afirma que:

Estágio como reflexão da práxis possibilita aos alunos que ainda não exercem o magistério aprender com aqueles que já possuem experiência na área docente.” (p.103). Para os professores atuantes e com experiência o estágio pode ser entendido como um espaço para reflexão sobre sua própria prática, conforme Pimenta, “[...] o estágio se configura, para quem já exerce o magistério, como espaço de reflexão de suas práticas, a partir das teorias, de formação contínua, de resignificação de seus saberes docentes e de produção de conhecimentos.” (2010, p.129).

Nessa etapa do desenvolvimento da criança a atuação do professor sobre a personalidade da criança é, em alguns casos, mais importante do que as atividades curriculares, visto desta maneira, o professor é a ponte mais importante da passagem do mundo infantil para o mundo adulto, pois junto com os pais, os professores são responsáveis pelo encorajamento ao crescimento e independência das crianças. Dessa maneira o professor deverá estar consciente deste papel e da sua importância. Deverá entender que sua tarefa não é apenas inserir na cabeça das crianças um número crescente de ensinamentos e sim, antes de tudo, exercer certa influência sobre a personalidade, como um todo.

A escola por seu lado tem a função de formar cidadãos responsáveis e conscientes da realidade atual, promover a igualdade e combater toda e qualquer forma de preconceito.

Para Vygotsky (1987), a aprendizagem se dá através da interação com outros indivíduos. A Psicologia da Educação e Aprendizagem reforça essa tese. “Não é possível aprender e apreender sobre o mundo, sobre as coisas, se não tivermos o outro, ou seja, é necessário que alguém atribua significado sobre as coisas, para que possamos pensar o mundo à nossa volta”. (SILVA, 2007, p.12).

A principal tarefa do professor, portanto, é interferir no que Vygotsky chamou de zona de desenvolvimento proximal. Segundo (SILVA, 2007, p.13) “A Zona de Desenvolvimento Proximal é a distância entre aquilo que o ser humano consegue fazer sozinho e o que ele consegue desenvolver com a mediação do outro”. É a partir dos saberes que o indivíduo já possui que o professor deve começar a educá-lo formalmente. Ou seja, intervir na zona de desenvolvimento proximal.

O estágio nos dá a oportunidade de testar na prática, o aprendizado teórico que temos ao longo do curso. É hora de por em teste, os conhecimentos pedagógicos adquiridos e refletir sobre o que e como devemos melhorar. Portanto, nosso objetivo é o constante processo de aperfeiçoamento até chegar a um patamar aceitável onde possamos dizer que estamos prontos a assumir uma sala de aula.

Através da observação e também da intervenção pude perceber as dificuldades enfrentadas por professores e alunos no processo de alfabetização assim também como suas metodologias e diversidades, despertando em mim a vontade de investigar como teóricos e professores tratam o problema da leitura e escrita.

## **2- DIFICULDADES DA ALFABETIZAÇÃO: o desafio de ensinar a ler e a escrever**

Alfabetizar de forma geral é uma tarefa muito complexa, mas pode se tornar algo prazeroso. Aprender a ler e a escrever através de brincadeiras, ou por meio de reflexão pode ser possível, basta perceber que para isso faz necessário esforço de educadores e educandos.

Alguns autores, como Piaget (1973), Vygotsky (1989) e outros falam que a aprendizagem acontece quando o sujeito é o aprendiz ativo.

Segundo Piaget (1973, p. 163) “O indivíduo não poderia organizar suas operações num todo coerente se ele não se engajasse nas trocas e cooperação com o outro”.

Dessa forma quando se constrói aprendizagens a partir da experiência própria ou com a ajuda de outros indivíduos o educando torna-se um aprendiz ativo nas suas aprendizagens.

Segundo Vygotsky (1989, p.101), “a linguagem, por exemplo, se desenvolve em função da necessidade externa do individuo para se comunicar com seus interlocutores, isto é, o desenvolvimento cognitivo se realiza por demandas externas ao organismo”.

Muitas crianças quando chega à escola tem dificuldade de se comunicar com as outras, por timidez e às vezes por falta de incentivo dos familiares, mas com o passar do tempo passam a linguagem surge como forma de comunicação com os outros coleguinhas e professores.

As crianças quando se sentem motivadas aprendem com mais facilidade, ou seja tem mais facilidade na alfabetização, por isso faz necessário atividades e condições favoráveis que desenvolvam de forma prazerosa a leitura e a escrita no processo de alfabetização.

Segundo Soares (2003, p. 53) “A qualidade da alfabetização é constituída de tão limitados e modestos atributos que ela, sendo pouco, torna-se também nada.”

Faz-se necessário segundo ressalta a autora que é preciso planejar tudo delimitando o tempo para que as aprendizagens sejam garantidas nos momentos esperados de acordo com as necessidades das crianças fazendo as intervenções necessárias ao processo.

Quando se fala de alfabetização lembra-se logo que alfabetizar corresponde a ação de ensinar a ler e a escrever. No entanto a alfabetização é algo mais

complexo do que a habilidade de “codificar” e “decodificar” como tem sido transposta para sala de aula ao longo dos tempos. Práticas diferenciadas de leitura e escrita podem fazer a diferença para os alunos levando-os a pensar de forma autônoma no meio em que está inserido.

Diante da realidade do processo de alfabetização, pensar em um método que seja mais adequado, fica bastante restrito, pois há uma diversidade muito grande entre os alunos. Não esquecendo que alguns deles já vêm alfabetizados de casa.

Segundo Ferreira:

Alfabetização já foi sinônimo de aquisição de uma técnica de codificação e decodificação, numa visão que revela o modelo tradicional de educação e se desenvolve apenas em nível individual, desvinculada de seus usos sociais. (Ferreira, 1997.p.10)

Entender que a língua é um sistema de signos cujas partes devem ser consideradas em relação ao todo, de forma igualitária. E que a palavra não é só um aglomerado de sons isolados, mas representa uma ideia, pelo qual existe um enunciado sonoro e preciso, faz com que a alfabetização não seja um processo mecânico de decifração e domínio do código.

O aprendizado da escrita requer tempo, paciência e maturidade, ao contrário que muitas vezes esperam os educadores e até mesmo as crianças.

O educador precisa ter consciência que a criança aprende primeiro a escrita para depois dominar a ortografia. Os erros cometidos, não significa que ela não tenham aprendido. Através dos erros levá-las a reconhecê-lo e poder superá-los. Para MATUI: (1996, p35) “[...] Outra tarefa louvável é transmitir aos alunos a ideia de que a escrita é um instrumento fascinante que a humanidade levou séculos para criar.”.

Faz-se necessário a lembrança que um dia todos foram analfabetos. A visão acerca das letras do alfabeto é diferenciada para uma pessoa alfabetizada e uma analfabeta.

Segundo Ferreira e Leal (2006, p.14) “[...] avaliar as próprias estratégias didáticas é fundamental para que possamos redimensionar o ensino, tendo como norte a avaliação do que os alunos fazem e dizem.”.

Repensar os métodos de aprendizagens. Incluindo as próprias crianças nos processos de avaliação é fazer com que elas desenvolvam compromissos com as próprias aprendizagens de leitura e escrita desenvolvendo assim suas próprias competências.

Quanto a isso Bernardin (2003, p.132) afirma que “a criança encontra-se na clareza cognitiva quando sabe que aprende, quando sabe o que aprende, por que aprende e como aprende”.

Na produção de um texto pelas crianças, é necessário um minucioso trabalho de pesquisa e síntese de ideias, pois serão organizados em um texto. Nesse trabalho exige-se que as crianças utilizem diversas capacidades, relacionadas ao Sistema de Escrita Alfabética, organizando suas ideias no texto relacionadas ao próprio processo de produção como planejamento da própria escrita.

## **2.1 Leitura e escrita na alfabetização**

É no Ensino Fundamental que se começa o processo de leitura, primeiramente desenvolvendo ainda mais a leitura de mundo a qual já foi previamente trabalhada no Ensino Infantil. Sendo assim o aluno percorre vários caminhos a fim de decifrar, ler e finalmente escrever.

O processo de leitura e escrita deve ir além do simples fato de codificar e decodificar. O aluno deve ser motivado a entender como funciona e se compreende a escrita e a leitura. Soares (2003) defende que, para a adaptação adequada ao ato de ler e escrever, é preciso compreender, inserir, avaliar, apreciar, a escrita e a leitura. E é onde entra o papel do professor, o qual será mediador entre o aluno e o conhecimento, valorizando sempre o conhecimento que este aluno traz do seu contexto social, para então proporcionar uma situação o aluno possa aprender partindo do que o mesmo já sabe. O processo de alfabetização realizado apenas com o livro didático, sem levar em conta o que o aluno já traz consigo, certamente não conduzirá o alunado ao letramento visto que não se considera sua bagagem de mundo.

Quanto a isso Passos & Silva (2001) ata:



[...] atualmente, as dificuldades de leitura vem se tornando um grande problema enfrentado pelos professores, o que vem comprometer a qualidade do ensino e da aprendizagem, bem como o desenvolvimento de indivíduos capazes de questionar as informações e discursos que lhe são transmitidos e impostos pela sociedade. (PASSOS & SILVA, 2001.p.20)

Aprender a ler o mundo significa conhecer valores (escrever e ler) e suas ideias, significa também que o ser alfabetizado e letrado desenvolva uma posição crítica e própria sobre esses valores.

A leitura e a escrita são tão significativos que nos motiva ao aprendizado logo nos primeiros anos de vida. Sem a leitura e escrita, o avanço em vários campos torna-se impossível, pois passamos a nos deter apenas nos discursos já produzidos por outros, sem criticá-lo.

Podemos afirmar que a leitura constitui um fator decisivo porque através dela tem-se a oportunidade de ampliar e aprofundar os estudos, visto que os textos formam uma fonte praticamente inesgotável de conhecimento.

A leitura e a escrita são processos, através dos quais o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto com sua vida a partir dos objetivos do seu conhecimento sobre o assunto ao qual descreve naquele momento.

Para Freire (1986):

O ato de ler é geralmente interpretado como a decodificação daquilo que está escrito. Desta forma, saber ler consiste num conhecimento baseado principalmente na habilidade de memorizar determinados sinais gráficos (letras). Uma vez adquirido tal conhecimento, a leitura passa a ser um processo mecânico, prejudicado apenas por limitações materiais (falta de luz ou mau estado do impresso, por exemplo) [...]. Ler é, portanto, um processo contínuo que se confunde com o próprio fato de estar no mundo biológico e socialmente falando. (FREIRE, 1986.p.48)

Sendo assim, ler e escrever são meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Trabalhar com a linguagem é trabalhar com a escrita e a leitura, as quais favorecem a remoção das barreiras educacionais de que tanto fala-se na educação, concedendo oportunidades mais justas de educação, principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual.

A comunicação escrita é um meio pelo qual o ser humano utiliza para se relacionar no meio social em que vive e com o mundo de maneira geral, tanto na área da educação como em outros setores de atividades humanas.

A leitura, por sua vez, é um dos meios pelo qual se obtém conhecimentos das mais diversas áreas facilitando então, a argumentação e vocabulário para a produção de um texto oral ou escrito.

A escola tem grande parcela de responsabilidade para com o incentivo à leitura, pois promove o hábito nas crianças, e estas irão crescer sabendo que a leitura enriquece o conhecimento, e também a grande importância que a mesma exerce na vida do ser humano.

A construção de um mundo imaginário, individual, a criação de novas ideias é permitido pela leitura, mas esta precisa ser natural, espontânea, tranquila para que possa, aos poucos, ganhar espaço na vida das pessoas e torná-la um hábito. Concorda-se com Abramovich (1997), quando este diz:

O interesse pela leitura torná-la como hábito, deveria ser maior na sociedade que vivemos e que idealizamos, seria um meio de falar e escrever corretamente, agregando um maior vocabulário. Mas a leitura não deve ser conhecida como obrigação, necessidade que os outros impõem não ver como dever e sim como conhecimento que ninguém tira da gente. (ABRAMOVICH, 1997.p.138)

Através da leitura é preciso entender o que o autor escreveu a mensagem que ele quer repassar, mas para isso é necessário saber o significado das palavras, e o que elas significam no contexto, isso se torna mais fácil e prazeroso quando se tem um prévio conhecimento do assunto lido, daí a importância de utilizar o conhecimento que o aluno traz consigo nos primeiros anos escolares para alfabetização.

Como afirma Kato (1999, p.68), a maior dificuldade encontrada pelos alunos, quanto a escrita, são os recursos específicos, as normas, as regras de ortografia, pontuação, o uso correto dos tempos verbais, porém se sabe que não são apenas esses itens que tornam um texto bem escrito.

No ato de escrever se torna um pouco mais complicado, pois não se fala da mesma forma que se escreve, já que é preciso encontrar as palavras corretas e adequadas, de uma forma culta, também precisa-se de uma boa argumentação e

um vocabulário adequado à ocasião para que os fatos da informação não sejam distorcidos ou mal interpretados pelo leitor.

Partindo da realidade sócio cultural dos educandos em relação ao processo de ensino e aprendizagem, verifica-se que é necessário repensar na educação do futuro como formação do conhecimento e não apenas como simples depósito de informações.

Para Marcuschi (2007):

Já na visão contemporânea a construção dos sentidos, seja pela fala, pela escrita ou pela leitura, está diretamente relacionada às atividades discursivas e as práticas sociais as quais os sujeitos têm acesso ao longo de seu processo histórico de socialização. As atividades discursivas podem ser compreendidas como as ações de enunciado que representam o assunto que é objeto da interlocução e orientam a interação. A construção das atividades discursivas dá-se no espaço das práticas discursivas. (MARCUSCHI, 2007.p.25)

Então cabe à escola proporcionar ao aluno possibilidades para o exercício da compreensão, capacitando-o a utilizar-se da palavra como forma de conhecimento e crescimento intelectual. Assim o ato de ler e escrever corriqueiramente favorece o acesso aos diversos conhecimentos, habilita o aluno a interpretar diferentes textos que circulam socialmente, bem como o faz produzir textos eficazes nas mais diferentes situações sociais a qual está inserido.

## **2.2 Reflexões sobre o letramento**

O conceito de letramento torna-se cada vez mais considerado central na compreensão dos processos de ensino- aprendizagem e na prática docente em sala de aula. Sendo assim, considera-se a aquisição da escrita um dos princípios que norteiam a perspectiva do letramento, pois, não se dá a escrita desvinculada das práticas sociais em que se inscreve, ou seja, sem propósitos comunicativos ou interação.

Para Soares 2000:

O letramento é: “[...] o estado ou condição de quem interage com diferenças portadores de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida”. Enfim: é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2000 p.44)

Os processos de letramento sempre existiram nas sociedades letradas, pois traz diversas práticas de leituras e escrita. Mas deve-se ter cuidado para não confundir com um método de alfabetização como pensa alguns professores.

Nos dias atuais conhecer o funcionamento do sistema de escrita é tão importante como também engajá-lo em práticas sociais letradas, fazendo com que os educadores desenvolvam a capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos.

Desta forma percebe-se que alfabetizar e letrar são a função dos educadores, em todas as áreas do conhecimento em que dominam e atuam. Sendo responsáveis pela formação dos alunos com bons leitores e bons interpretes da palavra escrita e falada.

Segundo Ferreiro 1999:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola apropriar-se da escrita. (FERREIRO, 1999, p.23)

Contudo, é sabido que as crianças antes de chegarem à escola já tiveram algum contato com a leitura e a escrita mesmo de forma indireta, elas já têm conhecimento da existência do processo de alfabetização.

De acordo com Ferreiro (2000, p.29), tradicionalmente, as decisões a respeito da prática alfabetizadora tem-se centrado na polemica sobre os métodos utilizados. Métodos analíticos contra métodos sintéticos, entre outros geralmente a metodologia mais utilizada pelos professores parte do simples, para os mais complexos.

No método sintético, trabalha com a correspondência entre o oral e o escrito, sendo as letras os elementos mínimos da escrita. Já no método analítico ver a leitura como um ato audiovisual de forma global.

## Segundo Ferreiro:

Para os defensores do método analítico, pelo contrário, a leitura é um ato “global” e “ideovisual”. O. Decroly reage contra os postulados do método sintético – acusando – o de mecanicista – e postula que “no espírito infantil, as visões de conjunto precedem a análise”. O prévio, segundo o método analítico, é o reconhecimento global das palavras ou das orações; a análise dos componentes é uma tarefa posterior. (1999, p. 23)

Percebe-se que o método tanto pode ajudar como pode também dificultar a aprendizagem dos alunos cabe ao professor procurar o método que atenda as necessidades de aprendizagens dos educandos, facilitando o processo de ensino-aprendizagem.

Assim, entende-se que para alfabetizar é necessário levar em consideração as vivências dos educandos e conhecimento do educador na construção dos saberes. E que ser alfabetizado significa mais do que “decodificar” e “codificar” os textos. É saber escrever e interpretá-los de forma autônoma sem a intervenção de pessoas que leem e escrevem, sendo dessa forma participantes ativos do processo de alfabetização.

### **3. NUMA DISCUSSÃO SOBRE MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA**

A metodologia utilizada na respectiva pesquisa tem como base um referencial bibliográfico e a análise qualitativa dos dados apresentados. A presente pesquisa, de natureza qualitativa, que utilizou como instrumentos um questionário, onde se procurou identificar a metodologia utilizada pelas professoras na alfabetização. Foram participantes desta pesquisa duas professoras do ensino fundamental que trabalham com alfabetização.

#### **3.1 A magia de Alfabetizar**

Acredita-se que educar é sempre um desafio e a graduação durante muitas vezes confunde (e muito). Cada professor tem a sua maneira de pensar. Para uns o construtivismo é ruim, para outros é o melhor caminho. Uns apreciam, por exemplo, a obra de Freire; alguns não. Para outros nada está bom. Às vezes parece então que é melhor não fazer nada, pois tem sempre alguém insatisfeito: ou a diretora, ou a pedagoga, um colega de profissão que pense de maneira diferente, ou os pais de alunos, ou os professores da faculdade. Estamos sempre em um confronto com os outros e com nós mesmos sobre o que acreditamos e fazemos.

A questão da alfabetização preocupa os estudiosos e professores há muito tempo, existem inúmeras formas de ensinar a ler e escrever, muitos métodos são aplicados, mas na verdade a grande preocupação é como ensinar a “ler” de uma forma interessante e investigativa. A história da educação brasileira apresenta diferentes concepções sobre o ensino fundamental e o papel da aquisição da escrita pelas crianças

A alfabetização, a leitura e a produção textual têm sido alvos de grandes discussões por parte dos estudiosos da Educação, já que há muitos anos se observam algumas dificuldades de aprendizagem e altos índices de reprovação e evasão escolar dado por essa razão. Dentre as questões mais focalizadas, destaca-se o ensino da língua materna. A dificuldade, após anos de escola, de o aluno escrever um texto coeso e coerente, culminando na insegurança linguística, demonstra o fracasso das práticas da linguagem das aulas.

Daí surge à grande preocupação com a alfabetização, que é a base de toda a vida escolar da criança, afinal, é comum se travar conhecimento de alunos que lá pelo sexto ou sétimo ano ainda apresentam sérias dificuldades para ler, interpretar e compreender pequenos textos.

A função primordial da escola seria, para grande parte dos educadores, propiciarem aos alunos caminhos para que eles aprendam, de forma consciente e consistente, os mecanismos de apropriação de conhecimentos. Assim como a de possibilitar que os alunos atuem, criticamente em seu espaço social. Essa também é a nossa perspectiva de trabalho, pois, uma escola transformadora é a que está consciente de seu papel político na luta contras as desigualdades sociais e assumem a responsabilidade de um ensino eficiente para capacitar seus alunos na conquista da participação cultural e na reivindicação social. (SOARES, 1995, p. 73)

Entende-se que a análise das questões sobre a leitura e a escrita está fundamentalmente ligada à concepção que se tem sobre o que é a linguagem e o que é ensinar e aprender. E essas concepções passam, obrigatoriamente, pelos objetivos que se atribuem à escola e à escolarização.

Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise acerca do processo de alfabetização, mostrando por que nem todas as crianças se alfabetizam ao mesmo tempo e quais os processos e metodologia que mais contribuem para ocorrer aprendizagem, e analisar a prática pedagógica de alguns professores.

Uma vez que a função social da escola é transmitir o conhecimento socialmente construído o papel do professor é o de mediador entre o aluno e os conteúdos a ser aprendidos. O professor deve ter clareza dos objetivos de ensino e conhecer o que seus alunos já sabem para melhor organizar suas intervenções, criando condições para que os conteúdos sejam sistematizados e acompanhados no decorrer do processo ensino/ aprendizagem.

### **3.2- Entrevista com dois Professores de Alfabetização**

A entrevista foi realizada com duas professoras de alfabetização aos quais serão chamados com codinomes x e y:

**a) Quais os métodos que você utiliza na alfabetização dos se alunos?**

Resposta da professora x: Utilizo leitura e escrita, jogos de alfabetização, cartazes, informática e etc.

Resposta professora y: Em primeiro lugar é preciso muita dedicação e carinho. Procurando estimular as crianças a ler.

A metodologia utilizada pelos professores precisa respeitar as diversidades existentes nas salas de aula para que possa se obter um bom resultado no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Emília Ferreiro, “(...) os métodos não oferecem mais do que sugestões, incitações, quando não praticam rituais ou conjuntos de proibições. O método não pode criar conhecimento” (1987, p.30).

**b) As atividades de produção textual trazem sempre uma finalidade? Justifique.**

Resposta da professora x: Sim, pois o objetivo é que se desenvolva o pensamento lógico, a leitura e escrita.

Resposta da professora y: Sim para que o aluno possa se expressar através do que se escreve.

Nas atividades de produção textual os alunos têm a oportunidade de expressar os seus pensamentos e desenvolver sua criatividade através da leitura e da escrita.

Para aprender a escrever, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com as reais questões que a escrita coloca a quem se propõe produzi-la, arriscar-se a fazer como consegue e receber ajuda de quem já sabe escrever. Sendo assim, o tratamento que se dá à escrita na escola não pode inibir os alunos ou afastá-los do que se pretende; ao contrário, é preciso aproximá-los, principalmente quando são iniciados “oficialmente” no mundo da escrita por meio da alfabetização. Afinal, esse é o início de um caminho que deverão trilhar para se transformarem em cidadãos da cultura escrita. (PCN, 1997, p.66).



**c) Quais as maiores dificuldades enfrentadas por você na alfabetização dos seus alunos?**

Resposta da professora x: Falta de acompanhamento dos pais e desinteresse dos alunos.

Resposta da professora y: A falta de acompanhamento dos pais nas atividades de casa e o desinteresse dos alunos nas aulas principalmente na leitura.

Segundo Assunção e Coelho (2002) Ao educador cabe apenas detectar as dificuldades de aprendizagem que aparecem em sua sala de aula, principalmente nas escolas mais carentes, e investigar as causas de forma ampla, que abranja os aspectos orgânicos, neurológicos, mentais, psicológicos adicionados à problemática ambiental em que a criança vive. “Essa postura facilita o encaminhamento da criança a um especialista que ao tratar da deficiência, têm condições de orientar o professor a lidar com o aluno em sala normal, ou se considerar necessário, de indicar sua transferência para salas especiais” (p.23).

A família é de suma importância no processo de alfabetização, pois nessa fase as crianças precisam de acompanhamento não só na escola, mas também em casa dessa forma o ensino-aprendizagem é compartilhado entre a escola e a família.

**d) Você utiliza o lúdico na alfabetização de seus alunos?**

Resposta da professora x: Sim quando utilizo jogos, exibição de filmes, leitura de livros paradidáticos.

Resposta da professora y: Sim, pois acredito que brincando eles também são capazes de ter uma boa aprendizagem.

Com uma mediação entre ler e escrever, o educador com certeza vai obter resultados positivos no desempenho de seu trabalho e, em especial contribuirá com a melhoria do processo ensino aprendizagem.

**e) Quais os métodos que você sugere para melhoria da alfabetização dos alunos do ensino fundamental?**

Resposta da professora x: Sugiro jogos, dinâmicas, músicas e leitura e escrita.

Resposta da professora y: Um livro didático de acordo com a realidade de cada lugar e com atividades de leitura mais atrativas à idade dos alunos.

Na construção do conhecimento se dá em situação, em resposta à natural exploração da natureza, essência do homem. É no explorar e conhecer a natureza que ele explora as suas possibilidades e se conhecer. Ao transformar a natureza, ele se transforma a natureza, ele se transforma ampliando os seus limites e a situação que a circunda. Neste processo vai construindo o conhecimento. Faz a cada dia novas leituras do mundo. Cada descoberta cria possibilidades para novas descobertas, cada momento novos conhecimentos, cada leitura abre novas leitura. (GARCIA, 2000. p.8)

As educadoras entrevistadas, de modo geral, sempre trabalham fazendo relação com o que foi trabalhado nas aulas anteriores, levando os educandos a fazer menção aos conteúdos, temas e conceitos que foram estudados. Não se prendem a área de conhecimento única. Buscam contextualizar e interdisciplinar a todas as atividades de forma real e diferenciada.

Elas discutem as atividades, fazendo leituras, registram o que compreenderam e utilizam sempre dinâmicas na construção de atividades lúdicas ou feitas pela coordenação escolar que dá o direcionamento, claro cerceada pelo interesse inerente da necessidade e curiosidade motivada pela vivência e conhecimento prévio do aluno.

Por isso, salienta-se a necessidade de analisar os fatos, discuti-los para que em reflexão com o outro, cujas observações foram de grande ensejo teórico para confronto da prática e a realidade alcançando o equilíbrio para um pensar competente e comprometido com determinadas práticas sociais.

### **3.3 Reflexões Sobre a Alfabetização**

Definir a alfabetização como um processo de contínua descoberta, reconhecimento, relacionamento, interpretação e interiorização do universo da língua escrita.

O processo de alfabetização se identifica com a própria comunicação. A criança, para aprender a falar, interage com o seu meio e aprende a falar.

A criança na alfabetização também pode atuar como sujeito do processo de aquisição da língua escrita. Será dessa forma um ser ativo na aprendizagem da

leitura escrita mediante a interação com o meio em que esta inserida, com as outras pessoas e consigo mesma.

É importante que o professor promova ações, onde a criança possa vivenciar temas interessantes, estimulando-a com atividades prazerosas de leitura e escrita, buscando sempre o sentido para aquilo que se lê e se escreve, interagindo com o objeto de conhecimento que é a linguagem escrita e oral, fazendo uma troca de conhecimentos e estabelecendo relações com as outras áreas de aprendizagem que criem condições para que a criança se alfabetize sem nenhuma dificuldade.

Segundo Cagliari (1998, p. 12):

Quem inventou a escrita inventou ao mesmo tempo as regras da alfabetização, ou seja, as regras que permitem ao leitor decifrar o que está escrito, entender como o sistema de escrita funciona e saber como usá-lo apropriadamente. A alfabetização é, pois, tão antiga quanto os sistemas de escrita. De certo modo, é a atividade escolar mais antiga da humanidade. (CAGLIARI, 1998. p. 12)

Ao concluirmos esta reflexão percebemos como a relação da criança com a diversidade textos, seja como ouvinte, como redator ou como leitor, enriquece significativamente o processo de aquisição da língua escrita. Nesse processo, o professor é o mediador desta relação sendo modelo de leitor, aquele que colabora para a formação de um sujeito letrado, de um futuro bom leitor.

Se nos retrocedermos aos caminhos trilhados pela alfabetização aos longos dos anos, percebemos que estes foram marcados pela memorização, "decoreba", cópia e descontextualização.

E essas são marcas que não fazem mais sentido neste processo, pois, no contexto atual a ênfase está na relação da criança com a textualização do mundo social.

O lúdico também é de grande valia na hora da alfabetização dos alunos, pois desperta neles o interesse de aprender brincando de forma descontraída. Muitos educadores simplesmente deixam brincar, outros tomam tão a sério a associação entre o ensino e aprendizagem com brincadeira que acabam por fazer acontecer 02 ou 03 vezes por semana.

Dependendo da situação e organização do planejamento condizente a realidade dos educandos e escola, os educadores preservam sempre a

individualidade de cada criança. Sempre com a preocupação de interdisciplinar o lúdico sem esquecer a essência da brincadeira e seus objetivos a serem almejados.

Assim como a alfabetização e o letramento são processos que caminham juntos, é necessário repensar a aquisição da língua escrita, baseado no alfabetizar letrando.

Visto que a sociedade hoje é uma sociedade grafocêntrica, não basta ao indivíduo ser simplesmente alfabetizado, ou seja, aprender meramente a decodificar. Faz-se necessário que o mesmo seja também letrado para que possa exercer as práticas sociais de leitura e escrita nesta sociedade.

Infelizmente, a situação de nosso país nas últimas décadas, com relação aos índices de analfabetismo, é muito alarmante, pois muito se discute, mas, na prática, muito pouco é feito.

O número de alunos aprovados ao final do primeiro ano escolar não eram satisfatório, assim como o número dos que chegavam ao 5º ano do ensino fundamental sem estarem sequer alfabetizados é muito preocupante. Neste sentido o governo federal criou o PACTO NACIONAL pela ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA em 2013, onde a criança precisa ser alfabetizada até os oito anos de idade, ao término do terceiro ano fundamental.

Neste sentido o cuidado em garantir o atendimento à diversidade dos alunos, desde o primeiro ano, é fundamental para evitarmos que, no terceiro ano encontremos um grande contingente de crianças com dificuldades em dominar o Sistema de Escrita Alfabética (SEA) e, portanto sem poder usar suas convenções de forma autônoma e exercer a produção de textos, a leitura e compreensão de textos escritos variados, pois hoje se faz necessário dominar essas competências para alguém ser considerado alfabetizado.

Neste sentido o que dizem os PCN:

No processo ensino-aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino fundamental, espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania. (PCNs, 1997. p. 32).

Vemos que o ensino de modo geral, que temos hoje em sala de aula são alunos que estão totalmente desmotivados e que só vão à escola, muitas vezes por

imposição dos pais. Crianças que comparecem para tumultuar, debochar, passear e ver os colegas menos estudar.

É nesse contexto que entra a prática pedagógica do professor que tem de ser excelente por excelência, para que possa resgatar esse aluno e chamar a sua atenção para o seu futuro. O bom é que ainda existem professores comprometidos com a educação, que muitas vezes sem uma estrutura adequada conseguem fazer milagres na alfabetização dos seus alunos.

Dar-se aí a importância de que o professor esteja permanentemente preparado para exercer a função de mediador, usando metodologias diferenciadas e dinâmicas para chamar a atenção desses alunos motivando-os e envolvendo-os nas suas aulas.

É necessário fugir do tradicional e buscar práticas inovadoras que lhe deem subsídios para ali cessar sua prática docente. Caso o professor não os tenha, o seu fazer metodológico torna-se improdutivo, muitas vezes substituído pelo fazer imposto pelo livro didático, onde muitas vezes foge da realidade dos alunos.

A alfabetização pode ser algo difícil ou até prazeroso, mas, faz-se necessário respeitar a diversidade dos alunos e procurar os métodos que mais se adequem na alfabetização dos alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a seleção de materiais específicos para a elaboração desta monografia foi possível compreender que a leitura não significa decodificar símbolos e sim compreensão e interpretação do texto lido. Conclui-se, portanto, que a leitura está relacionada com seus diversos processos de alfabetização de alunos no processo de ensino-aprendizagem.

A leitura envolve o leitor numa relação de transmissão de conhecimentos e formulação de questionamentos. A leitura se faz presente no cotidiano de cada leitor podendo ela ser por mero prazer ou até mesmo para adquirir conhecimentos diversos.

A realização deste trabalho proporcionou uma reflexão satisfatória acerca da leitura e os métodos de alfabetização no processo de construção dos saberes inerentes às crianças do ciclo básico de alfabetização. É indispensável ver a importância da leitura na alfabetização da criança além dos métodos utilizados.

A referida monografia foi realizada com intuito de repensar sobre os métodos tradicionais de alfabetização, e discutir as novas abordagens teóricas para a construção da leitura e escrita em crianças do Ensino Fundamental, constatou-se a importância da conscientização por parte dos educadores quanto a necessidade de se repensar a prática pedagógica direcionada às crianças em fase de alfabetização.

Partimos da concepção de que a alfabetização se dá ao longo do tempo, e podemos perceber que esse processo não se inicia propriamente na escola, mas é decorrente dos conhecimentos prévios que a criança traz consigo, e que mediante o trabalho do professor no ambiente escolar, pode ser transformados em aprendizagens sistemáticas.

A pesquisa possibilitou observarmos e refletirmos sobre a prática da alfabetização na escola. Percebemos que, através dos dados da entrevista e das observações feitas em sala de aula, que as professoras buscam suportes mais adequados para desenvolver a prática da leitura em sala de aula. Com os métodos utilizados por elas, os alunos foram estimulados a interpretar, criticar e elaborar opiniões sobre o que se lê.

A realização de novas propostas de alfabetização se concretiza através da parceria entre professor e aluno como sujeitos de uma prática cooperativa

instaurada na ação e na reflexão que ambos exercem sobre o objeto do conhecimento a ser desvendado.

Dessa forma entendemos que a questão metodológica não é a essência da educação, apenas uma ferramenta. Por isso, precisamos ter ideias claras a respeito do que significa assumir um ou outro comportamento metodológico no processo escolar. É de fundamental importância saber tirar todas as vantagens dos métodos, bem como conhecer as limitações de cada um.

Notamos que a leitura na escola tem sido fundamentalmente, um objeto de ensino e, para que ela possa constituir também um objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder à objetivos de realização imediata.

Fica claro que a responsabilidade da escola é garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania. Assim, o aluno tornará capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, produzir textos eficazes nas mais variadas situações.

Através da realização desta pesquisa, conclui que, num mundo em constante evolução, constituído por um panorama histórico e político de ideias diversificadas, se faz necessário à valorização do homem como sujeito-reflexivo capaz de atuar no contexto social. Por isso, é necessário que seja realizado um trabalho na alfabetização que valorize a formação de um sujeito autônomo construtor da própria história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**. São Paulo: Scipione 1997. Coleção pensamento e ação no magistério.
- ASSUNÇÃO José, E. e COELHO, M.T. **Problemas de Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1997.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais – PCN's**. Brasília; Ministério da Educação e do Desporto, 1997.
- CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2010.
- COLELLO, Silva Mattos Gaspariam. **Alfabetização em questão**. Rio de Janeiro: 2ª Ed. Paz e Terra, 2004.
- CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto / Tradução Luciano de Oliveira da Rocha**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática** (coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico) São Paulo: Papyrus, 1989.
- DEMO, Pedro. **Saber pensar**.3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 12.ed. São Paulo: Cortez, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**, 28ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FERREIRO, Emilia: **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- \_\_\_\_\_ : **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1992.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1997.
- FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. 15ª ed. São Paulo, Cortez, 2004
- GARCIA, Regina Leite. **Revistando a pré-escola**.4 ed. São Paulo, Cortez, 2000.
- KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura**. 5ª .ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- KLEIMAN, A. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- KREMER, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita**. São Paulo: Ática, 2010.
- LEMLE, Mirian: **Guia Teórico do Alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1987.



MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARTINS, Maria Silva Cintra. **Oralidade, escrita e papéis sociais na infância**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

MIGUEL, Emilio Sánchez. **Reflexões sobre a Alfabetização**. Revista Pátio; A.9; n33; Fev/abr. 2005.

PASSOS, Célia & SILVA, Zeneide. **Prática da linguagem escrita e oral**. 2.ed. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 2001.

PIAGET, Jean. **Problemas gerais da investigação interdisciplinar e mecanismos comuns**. Lisboa:Bertrand,1973.

PIAGET, J. **Psicología y Epistemología**. Barcelona: Ariel, 1973.

PIMENTA, Selma G.; SOCORRO, Maria L. O estágio e a formação inicial e contínua de professores. In: **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2010. 5 ed. ( Coleção Docência em formação. Serie Saberes Pedagógicos).

PIMENTA, Selma G.; SOCORRO, Maria L. Porque o estágio para quem já exerce o magistério: uma proposta de formação contínua. In: **Estágio e docência**. São Paulo: SILVA, Daniela Regina da.Psicologia da Educação e Aprendizagem. Associação Educacional Leonardo da Vinci (ASSELVI). – Indaial: Ed. ASSELVI, 2006.

SOARES, Magda B. **As diferenças entre letramento e alfabetização**. Jornal Diário do Grande FREIRE, Paulo (1976). Ação cultural para a liberdade (29/08/2003). R. J. Paz e terra.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: contexto, 2003.

TOMELIN, Janes Fidélis; SIEGEL, Norberto. **Filosofia geral da Educação**. Associação Educacional Leonardo da Vinci (ASSELVI). – Indaial: ASSELVI, 2007.

TFOUNI, Leda Verdianes. **Letramento e Alfabetização**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez. Col. Questões da nossa época, 2000.

VIGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WEISZ, Telma. **Os analfabetos funcionais são frutos de uma escola que produz não-leitores**. Nova Escola. São Paulo, n. 251, p. 35-37, abr.2012.